

DF - Brasília

Esqueceram de planejar o DF e o Entorno – II

Luiz Adolfo Pinheiro – Jornalista, autor de “JK, Jânio, Jango – três Jotas que abalaram o Brasil”.

Os governos que sucederam a JK – Jânio Quadros, João Goulart e os generais após 64 – pegaram o bonde andando e tocaram Brasília como puderam. Jânio pisou no freio, não deu um tostão para a cidade e foi embora sete meses depois da posse. Jango passava mais tempo no Rio do que em Brasília, o mesmo acontecendo com o general Castello Branco. Foram os generais-presidentes seguintes que tomaram a peito a missão de consolidar Brasília, quer a gente goste ou não da cara deles.

Na gestão Médici, seu governador nomeado – coronel Hélio Prates da Silveira – criou o autódromo, o ginásio Nilson Nelson, a ponte das garças no Lago Sul e deu origem a mais duas cidades satélites: Guará e Ceilândia. Esta última surgiu de um órgão do GDF chamado CEI – Campanha de Erradicação das Invasões, que planejou uma expansão norte em Taguatinga e para lá levou os favelados. A cidade ganhou o nome de Ceilândia. No governo Geisel, seu governador Elmo Serejo Farias, criador do Parque da Cidade, da ligação direta W3-Sul-W3-Norte, término da ponte Costa e

Silva e muitas outras obras, também investiu pesado nas satélites.

A essa altura, ainda com a população sempre crescendo, os governos seguintes, até o terceiro governo Roriz, tiveram de inventar novos lugares para novos habitantes. Às cidades que já existiam – Brasília, Núcleo Bandeirante, Guarás I e II, Gama, Sobradinho, Brazlândia, Paranoá e Planaltina – agregaram-se Águas Claras, Samambaia, Recanto das Emas, Varjão, São Sebastião, Riacho Fundo I e II, Vicente Pires e os famosos condomínios, sem falar em bairros novos, como a Octogonal, o Sudoeste, Lúcio Costa e outros.

Como era de se esperar, o Entorno também explodiu.

Luziânia, a antiga e pacata cidade goiana do ciclo do ouro cresceu tanto que se emendou com o DF e foi perdendo terreno para novas cidades – Valparaíso, Cidade Ocidental. A Planaltina de Goiás, a popular Brasilinha, surgiu do nada, o mesmo correndo com Águas Lindas, o município que cresce mais rapidamente no Brasil e talvez no mundo.

Quando se olha para trás, ao lado da admi-

ração com a velocidade com que se ergueu no meio do cerrado uma cidade moderna como Brasília, também causa espanto a falta de visão de todos à época – governo, Congresso, instituições diversas – que simplesmente nunca puderam imaginar que, 45 anos depois, o DF tivesse dois milhões de habitantes e as cidades do Entorno mais meio milhão. Quem dissesse isso em 1960 seria chamado de maluco.

É incrível como o governo JK, que soube planejar 30 metas de desenvolvimento econômico, tirando o Brasil da época das tropas de burro para a produção de veículos e rodovias asfaltadas, de navios, aviões, petróleo, siderurgia, tenha conseguido não enxergar Brasília como parte de um planejamento estratégico do Centro-Oeste.

Além da explosão populacional do DF e do Entorno – que prossegue em nossos dias – ainda houve outro exemplo flagrante de miopia política e estratégica. Nem JK nem seus sucessores conseguiram entender que a vocação industrial da região Centro-Oeste não está em Brasília mas em Anápolis, cidade que despontou para a industrialização – inicial-

mente do arroz – desde o Império.

Em lugar de investir pesado em Anápolis e transferir para lá o nosso SIA e indústrias do DF, os governos insistiram em investir na região da capital federal, quando ela foi transferida do Rio de Janeiro justamente para tirar a sede dos poderes da República de uma cidade industrializada. Se a cidade de Brasília ainda consegue ser uma cidade puramente administrativa, como rezava o concurso de 1956 da Novacap, de outro lado a industrialização do DF e do Entorno só vai comprometer a situação a longo prazo. E isso não fazia parte do projeto de mudança da capital.

Como tudo na vida tem conserto, exceto a morte, ainda está em tempo de a União, em conjunto com o GDF e governos de Minas e Goiás, se darem as mãos para fazer daqui para a frente o que “esqueceram” no passado: planejar estrategicamente o futuro de Brasília, do Distrito Federal, do Entorno e do Centro-Oeste, para poupar as gerações futuras de viverem amanhã numa região que será resultado da triste mistura da Baixada Fluminense com o poluído ABC paulista.